

CANUDOS: UMA GUERRA, MUITAS MULHERES

Udineia Braga Braga¹

Resumo: História de Canudos ainda hoje desperta a atenção de historiadores, pesquisadores e cientistas de diversas áreas, dado a dimensão e a complexidade daquele arraial messiânico, liderado por Antonio Conselheiro, que se estabeleceu no semi-árido baiano no final do século XIX. Para lá segue uma multidão de pessoas: Trabalhadores, sem terra, ex-escravos, velhos, mulheres e crianças que com ele chega a Canudos e lá se estabelecem. Quem eram estas mulheres? Qual o papel delas naquela comunidade? Porque buscavam o caminho de Canudos? Trabalhava na criação de animais, no plantio? Que outras funções desenvolviam? A vasta literatura existente sobre Canudos ignora estas mulheres. Faz-se necessário voltar a este acontecimento histórico para estudá-las e conhecer, não apenas as mulheres sobreviventes, mas aquelas que abriram mão de suas casas, famílias, trabalho ou de nada, e buscaram o Belo Monte para lá encontrar alento para sua vida. Esta pesquisa pretende, portanto reconhecer a importância das mulheres de Canudos como agente histórico além de se debruçar sob as relações de gênero vivenciadas por elas, que influenciaram no desfecho daquele fato histórico.

Palavras chaves: Canudos, Mulheres, Sertão.

Abstract: Canudos story still arouses the attention of historians, researchers and scientists from different areas, since the size and complexity of that messianic camp, led by Antonio Conselheiro, who settled in the semi-arid Bahia in the late nineteenth century. For there is a crowd of people: workers, landless, ex-slaves, old, women and children who come to him Canudos and there are established. Who were these women? What is the role of them in that community? Sought because the path of Canudos? Working in livestock, the planting? What other features would develop? The vast literature on Canudos ignores these women. It is necessary to return to this historic event to study them and learn not only the women survivors, but those who abandon their homes, families, work or anything, and looked beyond the Belo Monte find inspiration for your life. This research aims, therefore recognize the importance of women as agents of Canudos historic addition to the focus on gender relations in which they lived, which influenced the outcome of that historical fact.

Keywords: women, Canudos, backlands.

A História de Canudos ainda hoje desperta a atenção de historiadores, pesquisadores e cientistas de diversas áreas, dado a dimensão e a complexidade daquele arraial messiânico, que se estabeleceu no semi-árido baiano no final do século XIX. Canudos se constitui motivo de pesquisas e de publicações acadêmicas, por que ainda não se esgotaram os assuntos que envolvem aquela epopéia humana, que conseguiu colocar-se à

¹ Licenciada em História pela UFBA, especialista em Metodologia do Ensino Afro-Brasileira, Gestora e Professora de História da Rede Pública Estadual em Salvador-Bahia.

margem da lei republicana recém implantada, concentrando em seus limites cerca de vinte e seis mil pessoas chamadas de conselheristas, como também as novas abordagens historiográficas permitem a ampliação do tema para além da epopéia da guerra.²

Antônio Conselheiro peregrinou pelo sertão, construindo igrejas e cemitérios, ensinou a palavra de Deus e o caminho para o céu, e se transformou em uma esperança para “o sertanejo” pobre, ignorado, oprimido e marginalizado. Começa a ser seguido por uma multidão, composta por trabalhadores rurais, sem posses, ex-escravos, velhos, mulheres e crianças. (NETO, 2007) “*A grande massa humana provinha de pontos próximos ou distanciados dos sertões nordestinos*”(CALASANS,1973, p.468).

O sertão significou muito mais do que o espaço e a região dos acontecimentos que compreende o Ciclo do Bom Conselheiro. É deste sertão, desta terra inculca e árida, deste sertão seco, embrutecido e inóspito, que milhares de pessoas em busca de alento para suas dores, desilusões, alimentando esperanças singulares, começaram a segui-lo. Antonio Conselheiro não chamava os seus fieis, eles chegavam:

“espontâneos, felizes por atravessarem com ele os mesmos dias de provações e miséria. Eram no geral, gente ínfima e suspeita, avessa ao trabalho, farândola de vencidos da vida, vezada à mandria e a rapina. Um dos adeptos carregavam o templo único, então da religião minúscula e nascente...Entravam com ele, triunfalmente erguido, pelos vilarejos e povoados, num coro de ladainhas” (CUNHA,2000,p. 167).

Andando pelos sertões, O Bom Conselheiro liga-se a Joana Imaginária, escultora de imagens em barro e madeira com quem tem um filho e os deixa em 1865(NETO, 2007), dando continuidade a sua peregrinação. Viu a República e se declara contra as novas leis. Em certa ocasião estava em Bom Conselho, onde reuniu o povo em dia de feira e, entre gritos sediciosos e estrepitar de foguetes, mandou queimar as tábuas com as leis da República numa fogueira. Começava então a sua trajetória política, pois dispersara uma patrulha de soldados republicanos que tenta prendê-lo pelo ocorrido em Bom Conselho. A partir deste momento será sempre perseguido como um perigo social.

Chegou as margens do Rio Váza-Barris numa fazenda que posteriormente, seria chamada de Belo Monte. O crescimento de Canudos foi vertiginoso para lá partia pessoas de várias localidades, sobretudo de locais onde Conselheiro havia peregrinado mais de vinte anos. “*Pessoas de recursos que vendiam sua terra e gado. Homens e mulheres paupérrimos.*

² Boa parte da bibliografia sobre Canudos se detém a detalhar o combate e a guerra que tornou-se na ocasião notícia em todo o país e no mundo. Hoje é possível olhar para Canudos e observar outros aspectos até então não abordados para melhor se entender o que acontecia dentro dos limites do Belo Monte.

Índios do aldeamento...; pretos libertos pela lei áurea,... doentes mentais, aleijados, incapacitados que viviam das esmolas do Bom Jesus e esperavam seus milagres” (CALASANS, 1973, p.466).

Notadamente encontramos detalhes sobre os facínoras, que encontravam em Canudos as condições favoráveis para se esconderem da justiça e terem uma vida tranqüila. Conhecidos pela História como Jagunço, naquela paragem lendária poderiam viver a margem da lei e prestar os serviços de que precisava o Bom Conselheiro. Mas não apenas estes tomavam o caminho de Canudos.

...os grupos de adeptos que surgiam todos os dias, procedentes de diversos lugares por onde peregrinara durante mais de 20 anos, o Santo Conselheiro... . Pessoas de recursos, que vendiam sua terra e seu gado. Homens e mulheres paupérrimos. Índios do aldeamento de Miranda e Rodelas..., pretos libertos pela lei áurea... . Doentes mentais, aleijados, incapacitados que viviam de esmolas do Bom Jesus e esperavam seus milagres... (CALASANS, 1973, p.465-466).

O arraial de Canudos surpreendia por causa do seu crescimento. Após iniciada a guerra, em três semanas este aumentara de modo extraordinário. Como nos primeiros tempos da fundação a todo o momento apontavam grupos de peregrinos em demanda de paragens lendárias. Dentre os que o seguiam para Canudos em busca do alento das prédicas do Bom Conselheiro, registrava um grande número de mulheres. *“O mulherio constituía então, a parte mais numerosa do pessoal fanático, podendo ser calculado em dois terços do bando que acompanhava o Conselheiro...” (DANTAS, 1922, p.146).*

Quem eram as mulheres que fizeram parte deste movimento histórico, de repercussão mundial, ainda hoje é objeto de interesse de vários segmentos da sociedade científica?

...Ali estavam, gafadas de pecados velhos, serodidamente penitenciados, as beatas - êmulas das bruxas das igrejas - revestidas da capona preta lembrando a holandilha fúnebre da Inquisição; as solteiras, termo que nos sertões tem o pior dos significados, desenvoltas e desejadas, soltas na gandaíce sem freios; as moças donzelas ou moças damas recatadas e tímidas; e honestas mães de famílias; nivelando-se pelas mesmas rezas... Faces murchas de velhas... rostos austeros de matronas simples; fisionomia ingênuas de raparigas crédulas...Grenhas maltratadas de crioulas retintas... (CUNHA, 2000, p.165)

Segundo José Calasans, Euclides da Cunha, em sua clássica obra “Os Sertões”, costuma referir-se as estas mulheres de forma duramente estigmatizada. Diz que as mulheres eram repugnantes (CALASANS, 2001, p.3), praticamente negando assim a presença feminina em seu livro. As poucas referências que faz, trata de mostrar a sua feiúra e as mazelas que carregavam sobre si. Nega ainda mais a participação destas como membros

daquele episódio que marcaria significativamente a História da Bahia e do Brasil. Devolver a elas o “...*exigindo reconhecimento do seu papel de mulher como participantes ativos (e iguais) nos movimentos políticos para a mudança social*”(SCOTT,1992,p.69), motiva o tema deste trabalho.

Sem dúvida, os próprios historiadores das mulheres acharam difícil inscrever as mulheres na história e a tarefa de reescrever a história exigia reconceituações que eles não estavam inicialmente preparados ou treinados para realizar. Era necessário um modo de pensar sobre a diferença e como sua construção definiria as relações dos indivíduos e os grupos sociais. (SCOTT, 1992, p.86)

As muitas publicações sobre o Arraial de Canudos e sua guerra pouco refere-se a estas mulheres. E quando se refere, é com relatos da forma desumana como elas foram encontradas no momento em que foram presas, geralmente de forma discriminatória.

Em narrativas como as do consagrado Euclides da Cunha (1973), mas também em texto de jornalistas como Lulú Parola e do próprio Lélis Piedade, encontramos a descrição das jagunças como seres horrendos de aparência, de caráter matreiro, violentas, ignorantes. Verdadeiras “bruxas” ou “harpías”, como chegaram a ser nominadas, careciam agora de resgate... (OLIVEIRA, 2002, p.313).

Quem eram essas mulheres? Porque buscavam o caminho de Canudos? Que papel desempenhavam na estrutura social daquela comunidade? Quais as funções desempenhadas por elas? Trabalhava na criação de animais, no plantio, apenas como mãe e mulheres dos conselheiristas, eram mulheres dos jagunços, daí o termo jagunças. Ou que outras funções desenvolviam? E as que viviam nos acampamentos? Eram apenas amantes? Como sobreviviam? Quem as sustentava? E as viúvas dos militares, como viveram após a morte de seus maridos?

As que acompanhavam os militares nos acampamentos eram tidas como prostitutas. “*Algumas mulheres, amantes de soldados, vivandeiras - bruxas, de rosto escaveirado e envelhecido...*”(CUNHA, 2000, p.467). Mas, de fato, quem eram elas? De onde viam? Por que estavam ali? E as viúvas dos militares? Como viveram após o combate e a perda de seus maridos? Pouco ou quase nada se refere a elas na literatura existente.

Ao lermos este depoimento de Euclides da Cunha em sua obra clássica sobre Canudos, nos reportamos às várias leituras que trata destas mulheres no pós-guerra. Elas sempre são definidas como mulheres de aparência grotescas, sem polidez, sem beleza alguma, além de serem denominadas como “jagunça” o que está sempre associado ao comportamento dos jagunços e facínoras que buscavam em Canudos como um “homizio”.

Estas definições de caráter discriminatório, nos impede de uma releitura da identidade das mulheres do arraial.

Relatos como os publicados pelo coordenador do Histórico e Relatório do Comitê Patriótico da Bahia, Lélis Piedade, registram que várias mulheres após a guerra voltaram para suas famílias abastadas, e que algumas, ainda em ocasião de morte, cederam quantias em dinheiro para ajudar outras em condição menos favorecida, o que contradiz as definições não correspondem fatos, quando não relatam o perfil destas mulheres, igualando-as, influenciados apenas nas publicações recorrentes da época.

As estratégias de identificação que se prestam ao estabelecimento do nós/outros manifestam-se em passagem que constroem monstros e beldades, bruxas e princesas, conforme os atributos valorizados pelos olhos do observador, caracterizando em agrupamentos de mulheres de mesma procedência, antes rotuladas sobre uma mesma hetero-identidade, agora vistas e diferenciadas de formas completamente distinta (OLIVEIRA, 2002, p.316).

Mulheres e crianças sobreviveram a Guerra de Canudos. Muitos dessas listadas no Histórico e Relatório do Comitê Patriótico da Bahia com depoimentos sobre a guerra e o que sofreram após a queda de Belo Monte. No entanto existe uma escassez de estudo a respeito da origem destas mulheres. *“A escassa de produção acadêmica encontrada que abrangem todo território nacional confirma que no Brasil, a mulher costuma ser ignorada enquanto sujeito histórico...”* (ALMEIDA, 1998, p.51).

Outras obras relatam algumas das situações que envolveram as relações de gênero durante a guerra descrevendo que *“em meio à violência do combate, registram-se episódios relacionados com os conflitos de gêneros, no qual a resistência ante a interferência das autoridades militares numa questão de casal denuncia as tentativas de manutenção das relações cotidianas durante a guerra.* (OLIVEIRA, 2002, p.67).

Quem de fato são essas mulheres? Possuem posses, bens, famílias abastadas? Por que foram para Canudos? O que buscavam ali? A que tipo de poder estavam expostas?

Não encontramos informações de quem foi a primeira mulher de Conselheiro. E a segunda Joana Imaginária, com a qual teve um filho. Cabe destacar a importância destas, e na formação deste acontecimento histórico, tentando levantar que destino estes tiveram. Ainda interessa-nos levantar o perfil das mulheres prostitutas que acompanhavam as expedições.

Quando lemos as obras, artigos e publicações sobre Canudos vêm informações de jagunços, personagens indispensáveis ao cenário do nordestino. Temos informações vastas, definições de suas origens, se facínora ou se homem de bem sofredor da seca nordestina e da

fome do sertão, mas se nega a origem das mulheres. As publicações disponíveis carecem de informações sobre o papel delas naquela comunidade e as relações que estas mantiam com suas famílias se as tivesse, não se sabendo ainda a que relações de “poder” estavam submetidas exposta.

Amplia o foco da história das mulheres, cuidando dos relacionamentos macho/fêmea e de questões sobre como o gênero é percebido, que processos são esses que estabelecem as instituições geradas, e das diferenças que a raça, a classe, a etnia e sexualidade produzem nas experiências históricas das mulheres. (SCOTT, 1992, p.88).

Calasans afirma que o mulhério constituía a parte mais numerosa dos fanáticos que seguiam para Canudos, chegando a cerca de dois terços dos vinte e seis mil habitantes que compunham o arraial. Se estas mulheres eram em número tão expressivo como afirma Calasans, nas inúmeras obras que escreveu sobre Canudos, não se compreende a omissão na literatura e na própria História a respeito dos papéis desenvolvidos por estas mulheres.

Estes grupos eram formados em maioria por mulheres. Mas, quem eram estas mulheres? Negras libertas; pobres miseráveis; doentes; por que buscaram a Canudos...? Não se encontra referências que venham esclarecer sobre elas.

Encontramos informações de que também muitas mulheres acompanhavam os militares que marchavam para canudos. Algumas acompanhando seus maridos. Outras eram prostitutas. Que destino estas tiveram? E sabido que costuma-se omitir a importância da mulher nos movimentos e processos históricos. Estas mulheres apesar de em grande número não tiveram suas identidades e origens reveladas. Lélis Piedade, ao abrigar os sobreviventes prisioneiras da saga de Canudos, declara que estas apresentam sentimentos de honra e recato, bons costumes, hábitos de trabalho, que buscavam posições para esconder a nudez da pele com os andrajos além de testemunha a nobreza de algumas destas mulheres que distribuía pequenas quantias que traziam consigo, no sentido de melhorar a vida das mais indigentes.

A este respeito Wálney Oliveira em sua tese de mestrado faz as seguintes considerações:

“Aos agregados dos militares era garantida a manutenção e sobrevivência. Diversas mulheres – esposas, viúvas, filhas, irmãs, avós e mães, fizeram requerimentos aos oficiais de serviço, solicitando pagamento de pensões. Alegando não poder garantir seu sustentar, visto que os seus provedores estavam afastados (temporária ou definitivamente) no serviço patriótico, buscava amparo no Estado, que devia assumir o lugar do homem ausente” (OLIVEIRA, 2002, p.136).

Muitas petições foram realmente atendidas. Muitas daquelas mulheres que acompanhavam seus maridos até as áreas de movimentação das tropas com seus filhos e agregados, e devido aos conflitos teriam perdido seus maridos, e careciam retornar as suas residências.

O Histórico e Relatório do Comitê Patriótico da Bahia (1897 – 1901), que teve como Coordenador Lélis Piedade, jornalista e farmacêutico, será de grande relevância, pois traz relatos dos últimos acontecimentos da Campanha de Canudos, além de registros sobre as mulheres sobreviventes, como foram recebidas e encaminhadas a outras instituições, além de citar algumas viúvas de militares e o que aconteceu com elas. Lélis Piedade em uma linguagem simples expõe sobre a quarta expedição da qual participou, onde relata a grande diversidade social ali encontrada: doentes, feridos, órfãos, viúvas e mulheres.

“...Merece uma leitura especial pelo caráter técnico,...., que apresenta, as descrições desses sujeitos, excluídos da história, que aos poucos vão adquirindo nome, origem geográfica e étnica, além de parentesco e outras características fímbrias dos relatos genéricos de fanáticos e lhes devolvendo as suas subjetividades...”(GUERRA, 1897-1901, p.216-217).

O citado Histórico e Relatório do Comitê Patriótico da Bahia faz inúmeros relatos sobre as prisioneiras da guerra. São depoimentos das que foram acolhidas por suas famílias. Outras que se uniram em matrimônio com soldados. Outras que chamavam a atenção por sua beleza, ou por sua feiúra. Mas de todo dos os relatos um nos chamou maior atenção o da prisioneira Maria Leandra dos Santos que, trazendo de Canudos perto de conto de réis, gastou quase metade dessa quantia procurando minorar a condição às suas companheiras de infelicidade até Alagoinhas. (PIEIDADE, 1897-1901, p.216).

A História de Canudos, mesmo ampla, omite o papel da mulher como agente histórico, e a necessidade de pensar em uma Nova História em que seja devolvido a mulher o seu direito de participante nas construções sociais e históricas. Portanto voltamos o nosso olhar aos acontecimentos vivenciados por estas mulheres antes, durante e após a grande epopéia da “Troia de Taipa” “Canudos”. “*As mulheres..... São elas que fazem os homens bons e maus; são as origens das grandes desordens, como dos grandes bem; os homens moldam a sua conduta aos sentimentos delas.*”(LOURO,1997, p.678).

Assim, “*a relação entre Gênero e História constitui-se uma categoria de análise que se impõe na revisão da História oficial e da História da humanidade*”(ALMEIDA,1998, p.50). Partindo desse princípio se faz necessário rever a História, e retirar desta as informações sobre as mulheres que, acompanharam o Antonio Conselheiro e que com ele se

estabeleceram em Canudos, e as outras que, de forma, diferente também fizeram parte daquela página da nossa História naquele momento.

Canudos apresenta, portanto uma complexidade tamanha, com variantes sociais e históricas que apontam questões ainda não estudadas, em pormenores, e que não serão esgotadas. Analisar Canudos sob uma perspectiva de gênero retomará dados não observados sobre estas mulheres que viviam na “Canaã Terrestre”, no Belo Monte, que por ocasião de sua queda, sofreu toda sorte de violência.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e Educação: a Paixão pelo Possível*. Editora UNESP, 1998.
- ALBUQUERQUE Jr. Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Cortez Editora. SP: 1999.
- BOAVENTURA, Eurico Aves. *Fidalgos e Vaqueiros*. EDUFBA. Salvador, 1989.
- CALASANS, José. *As Mulheres de “Os Sertões”*. Coleção José Calasans. Centros de Estudos Baianos, 2001.
- _____, José. *O Ciclo Folclórico do Bom Jesus Conselheiro – Contribuição ao Estudo da Campanha de Canudos*. EDUFBA / Centro de Estudos Baianos (CEB), 2002.
- _____, José. *Relatório apresentado pelo Revd. Frei João Evangelista de Monte Marciano ao Arcebispo da Bahia sobre Antonio Conselheiro e seu séqüito no Arraial de Canudos – 1895*. Publicação da Universidade Federal da Bahia. Centro de Estudos Baianos. n. 130. Salvador: 1987.
- _____, José. *Canudos: origem e desenvolvimento de um arraial messiânico*. Anais do VII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História, Bahia, 2 a 8 set. 1973.
- CARVALHO, José Murilo. *Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Coleção Descobrimos os Clássicos. Editora Record: Rio de Janeiro, 2000.
- DANTAS, S. de Souza. *Aspectos e Contrastes: ligeiro estudo sobre o sertão da Bahia*. Rio de Janeiro. Tip. Ver. dos Tribunais, 1922.
- FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos – gênese e lutas*. 4ª edição. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: 1976.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 2ª edição. Editora Graal. SP: 1981.
- GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel/Bertrand Brasil. RJ, 1989.
- GUERRA, Sérgio. *O Relatório do Comitê Patriótico Como Fonte Fundamental*. In: PIEDADE, Lélis. (Coordenador) *Histórico e Relatório do Comitê Patriótico da Bahia (1897 – 1901)*.
- LOURO, Garcia Lopes. *Mulheres na Sala de aula*. IN: PRIORE, Mary Del (Org). *História das Mulheres No Brasil*. Editora Contexto. São Paulo, 1997.
- MILTON, Aristides. *A campanha de Canudos*. Coleção Cachoeira vol. 2. Universidade Federal da Bahia. Salvador: 1979.
- NETO, Manoel. Artigo publicado em <http://www.portfolium.com.br/sites/canudos.asp?IDPublicacao=77>. Acesso em 10/09/2007.

OLIVEIRA, Wálney da Costa. “*Sertão Virado do Averso*”: *A República na região de Canudos*. Dissertação de Mestrado. UFBA, 2000.

_____, Wálner da Costa. *Entre Bruxas e Princesas: A Construção de Identidades Femininas ente as Prisioneiras de Canudos*. p. 313. In: COSTA, Alice Alcântara Costa. E SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. *Feminismo, Ciência e Tecnologia. E outras questões feministas*. REDOR/NEIM-FFCH/UFBA. Salvador, 2002.

PIEIDADE, Lélis. (Coordenador) *Histórico e Relatório do Comitê Patriótico da Bahia (1897 – 1901)*.

SCOTT, Joan Wallach. *História das Mulheres*. In. BURKE, Peter. (Org.) *A escrita da História. Novas perspectivas*. São Paulo. UNESP, 1992.

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica” In. *Educação e Realidade*. Porto Alegre. 1992.